

ALGUMAS PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DA CLASSE ASPECTUAL DOS PONTOS¹

Luís Filipe Alvão Serra Leite da Cunha²

l.f.cunha@netcabo.pt

RESUMO: O objectivo central do presente trabalho é o de caracterizar a classe aspectual dos pontos, procurando determinar quais as suas propriedades semânticas e comportamentos linguísticos mais relevantes. Para tal, começamos por discutir o conceito de pontualidade, demonstrando a sua pertinência em termos linguísticos. Depois, comparamos a classe aspectual dos pontos com outras categorias com ela relacionadas. Verificamos que os pontos se diferenciam das culminações na medida em que, tipicamente, não estão em condições de integrar uma estruturação fásica complexa. Por outro lado, os pontos distinguem-se dos estativos na medida em que, ao contrário destes últimos, são de natureza dinâmica, alterando visivelmente o estado de coisas inicial. Concluímos, pois, que os semelfactivos constituem uma classe aspectual de pleno direito. Embora partilhem com culminações e estativos algumas propriedades importantes, os pontos revelam, uma identidade própria, assumindo-se como predicções dinâmicas, pontuais e atómicas.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica; Aspecto; Classes Aspectuais; Pontualidade.

A classe aspectual dos pontos, por vezes também designados semelfactivos (cf. Smith (1991)), manifesta propriedades semânticas muito interessantes que, no entanto, nem sempre têm merecido a devida atenção na literatura. Procuraremos, com o presente trabalho, investigar algumas das características que definem a referida categoria de predicções, confrontando-a com as classes aspectuais que lhe estão mais próximas.

Os pontos são consensualmente caracterizados como eventualidades de natureza dinâmica, não durativa e atélica (vejam-se, por exemplo, entre outros, Smith (1991); Moens (1987); Moens e Steedman (1988)). Partilham, pois, com as culminações o facto

¹ Trabalho financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Programa POCI 2010.

² Centro de Linguística da Universidade do Porto, Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Programa FEDER/POCTI – U0022/2003.

de se comportarem como situações de carácter pontual, diferindo delas, no entanto, como veremos mais adiante, por não ostentarem qualquer tipo de estruturação fásica interna complexa. Por outro lado, observamos que a completa ausência de estrutura interna, aliada à possibilidade de avaliação da verdade relativamente a momentos de tempo, aproxima os pontos, em certa medida, das predicções de cariz estativo.

Tendo em vista as observações que acabámos de fazer, afigura-se-nos essencial procurar responder às seguintes questões: (i) De que forma é que a caracterização aspectual da classe dos pontos, tal como nos é dada na literatura, ajuda a compreender o seu comportamento linguístico? (ii) Quais as principais propriedades semânticas que a identificam? (iii) Em que medida é que esta categoria difere, de facto, das restantes classes de situações? (iv) Quais os critérios linguísticos que nos permitem conferir-lhe uma individualidade própria, justificando o reconhecimento do seu estatuto autónomo? (v) Como se relacionam os pontos com culminações e estativos?

No sentido de encontrar respostas satisfatórias para as questões que acabámos de formular, procuraremos, primeiramente, fornecer uma breve caracterização semântica da classe aspectual dos pontos, avançando, em seguida, com alguns critérios linguísticos que nos permitam identificá-la, estabelecendo uma comparação sistemática com as categorias que dela mais se aproximam. Nessa medida, iremos reflectir sobre as relações que se observam entre pontos e culminações, por um lado, e entre pontos e estativos, por outro, procurando pôr em evidência os elementos de convergência e de ruptura que é possível surpreender entre as referidas classes aspectuais.

O nosso trabalho será organizado da seguinte forma: na secção 1. esboçaremos uma breve caracterização semântica da classe aspectual dos pontos; em 2., reflectiremos sobre a questão mais geral da pontualidade; em 3. confrontaremos pontos e culminações; finalmente, em 4., exploraremos a relação que se estabelece entre pontos e predicções estativas.

1. BREVE CARACTERIZAÇÃO ASPECTUAL DOS PONTOS

Em termos muito gerais, diremos que os pontos ou semelfactivos são situações atómicas, simples mudanças de estado que não contemplam uma estrutura fásica complexa.

Os pontos podem ser considerados como situações atômicas na medida em que se revelam totalmente indivisíveis; constituem-se como simples mudanças de estado ou “single-stage events”, nas palavras de Smith (1991).

Ao contrário dos restantes eventos, os pontos não ostentam uma organização fásica complexa: apenas remetem para uma mera alteração do estado de coisas inicial, sem integrarem quaisquer fases preliminares, desenvolvimentos ou consequências. Sob este ponto de vista, podemos afirmar que os semelfactivos são, de facto, desprovidos de estrutura própria. Esta completa ausência de estruturação fásica terá, como veremos, um impacto bastante significativo ao nível das possibilidades de derivação admitidas pela classe aspectual em apreço.

Os pontos são, por conseguinte, o tipo de evento mais simples, limitando-se à expressão de uma mudança de estado pontual e atômica, i.e., um todo indivisível.

A representatividade dos pontos, em línguas como o Português, não parece ser muito grande, quando comparada com a das restantes classes aspectuais de predicções. Na realidade, as configurações que exprimem esta categoria não são particularmente numerosas. As frases de (1) a (4) apresentam alguns exemplos de semelfactivos:

- (1) A Maria bateu à porta.
- (2) O Pedro espirrou.
- (3) A águia bateu as asas.
- (4) A bomba explodiu.

Os pontos são eventualidades dinâmicas, não durativas e atélicas – ou, talvez melhor, tendo em vista que nos encontramos perante eventos de natureza estritamente atômica, em que a telicidade não se aplica de todo.³

Tal como acontece com as restantes eventualidades dinâmicas, os pontos podem surgir sem problemas no contexto de formas agentivas como o Imperativo, verbos do

³ Na realidade, o facto de os semelfactivos se identificarem com simples “momentos” de tempo parece inviabilizar, de certa forma, quaisquer possibilidades de avaliação da existência de um ponto terminal intrínseco. Observações muito semelhantes poderão ser estendidas à determinação de marcas de homogeneidade ou de heterogeneidade: dada a completa “indivisibilidade” que caracteriza este tipo de eventualidades, com o conseqüente impedimento da sua segmentação em “subintervalos”, torna-se impraticável a análise do seu comportamento em relação às referidas propriedades. Seja como for, importa sublinhar que a telicidade irá, como veremos mais adiante, desempenhar um papel fulcral no que toca à distinção entre pontos e culminações, na medida em que será a presença de um estado resultativo subjacente a estas últimas (e ausente nos primeiros) que nos vai permitir estabelecer uma fronteira clara entre os dois tipos de eventualidades em questão.

tipo de *convencer* ou *persuadir* e adverbiais como *voluntariamente* ou *deliberadamente* (cf. (5)-(7)) e recebem uma leitura tipicamente habitual quando combinados com o Presente do Indicativo (cf. (8)):

- (5) Maria, bate à porta da vizinha!
- (6) O João convenceu a Maria a bater à porta da vizinha.
- (7) A Maria bateu à porta da vizinha deliberadamente.
- (8) A Maria bate à porta da vizinha (habitualmente / # neste momento).

Ao contrário do que sucede com as culminações, os semelfactivos não admitem a presença de qualquer tipo de estado consequente associado à sua ocorrência. Como iremos ver mais adiante (veja-se a secção 3.), este facto terá uma importância fulcral no estabelecimento de testes distintivos entre as referidas classes aspectuais de predicções.

Finalmente, os pontos são situações de natureza não durativa, pelo que se combinam, sem dificuldade, com adverbiais pontuais, como os exemplos em (9) e (10) nos confirmam:

- (9) A Maria bateu à porta da vizinha às oito da noite.
- (10) O Zé tossiu às cinco da manhã.

As características semânticas que acabámos de atribuir aos pontos vão revestir enorme importância no que se refere ao reconhecimento da sua identidade enquanto classe aspectual autónoma: assim, como teremos oportunidade de verificar com mais pormenor nas próximas secções deste trabalho, a telicidade estará na base da distinção entre pontos e culminações, enquanto o dinamismo vai permitir estabelecer a fronteira entre pontos e estativos. A não duratividade será responsável, por seu lado, pela diferenciação entre os semelfactivos e os processos.

Como já foi dito, os pontos constituem-se como meras mudanças de estado e não apresentam uma estrutura fásica interna complexa. A ausência de estruturação interna própria irá, por um lado, aproximar, sob um certo ponto de vista, esta classe aspectual das predicções estativas e, por outro, propiciar a interpretação iterativa que, em determinados contextos, lhe é tipicamente atribuída.

Antes, porém, de procedermos a uma comparação sistemática entre os diversos comportamentos linguísticos e propriedades semânticas que caracterizam os pontos e as

classes aspectuais que mais deles se aproximam, importa reflectir um pouco sobre a questão mais geral da pontualidade.

2. A QUESTÃO DA PONTUALIDADE

Os pontos e as culminações são tradicionalmente concebidos como eventos não durativos ou de natureza pontual. Procuraremos, nesta secção, reflectir brevemente sobre a relevância da adopção do conceito de pontualidade no que respeita à descrição aspectual das referidas estruturas: existirão, de facto, eventos pontuais? Será a noção de pontualidade linguisticamente pertinente?

À primeira vista, afigura-se-nos praticamente impossível conceber uma situação que não ocupe um determinado período de tempo, por mais ínfimo que seja. Com efeito, se confinarmos a nossa análise da temporalidade às suas propriedades meramente físicas ou matemáticas, seremos inevitavelmente obrigados a reconhecer que, na realidade, não existem eventualidades estritamente pontuais, não só porque é sempre possível dividir um dado intervalo em “porções” ou períodos cada vez menores (pelo menos no caso de adoptarmos uma concepção de carácter “denso” para a análise do tempo), mas também porque, como é óbvio, toda e qualquer situação, por mais breve que pareça à percepção humana, ultrapassa necessariamente o âmbito de um instante ou momento.⁴

Existe, no entanto, um conjunto de motivações, de natureza eminentemente linguística, que nos leva a acreditar que o conceito de pontualidade pode desempenhar, em termos semânticos, um papel de grande relevância para a compreensão da estrutura temporal interna das predicções.

Isto significa, em última instância, que o conceito de pontualidade a que vamos recorrer ao longo do presente trabalho é, sob um certo ponto de vista, “relativo”, na medida em que terá por base não tanto uma definição invariável e absoluta no que diz respeito à extensão cronométrica precisa de um momento ou instante, mas centrar-se-á antes num conjunto de propriedades e comportamentos linguísticos que apontam no

⁴ Autores como Galton (1994) defendem a necessidade de uma distinção clara e explícita entre a noção de instante, que denotaria uma simples fronteira entre intervalos de tempo, sem extensão ou de duração “zero”, e a de momento, que se constituiria como um intervalo atómico, mínimo ou indivisível. Não discutiremos aqui, no entanto, uma tal diferenciação que, em termos puramente linguísticos, não nos parece particularmente relevante, utilizando ao longo do presente trabalho os termos “instantes” e “momentos” indistintamente para denotar “átomos” de tempo, i.e., unidades temporais mínimas e indivisíveis.

sentido da perspectivacão de uma situaçãõ como manifestando um carácter não durativo. Ou seja, os eventos que aqui serão tratados como pontuais podem ter – e, considerados na sua estrutura física, terão obrigatoriamente – uma certa duratividade. No entanto, em termos linguísticos, serão concebidos como momentâneos, i.e., a sua extensão temporal irá ser percebida como mínima e indivisível.

Em termos meramente linguísticos, pontualidade não significa, pois, a completa ausência de extensão temporal, mas antes a “focalização” não durativa das situações. Ou, por outras palavras, as eventualidades pontuais são concebidas ou perspectivadas como predicacões que ocupam unidades de tempo mínimas – os momentos – e que, sob um tal ponto de vista, não se prolongam num intervalo, independentemente da duração concreta que, no mundo real, lhes possa vir a ser associada.

Pelo que foi dito, a pontualidade (ou não duratividade) poderá ser concebida como uma noçãõ de índole essencialmente linguística, funcionando como mais um traço distintivo entre eventualidades que, em conjugacão com outras propriedades semânticas, nos ajudará a definir o “perfil” temporal interno de uma dada predicacão.

Sendo as situações de natureza pontual perspectivadas como eventualidades não durativas, deverão, em consequência, revelar-se atómicas ou inteiramente indivisíveis, não manifestando a presença de quaisquer subfases no seu interior⁵, na medida em que, por princípio, um momento de tempo não poderá ser subdividido em períodos menores. Um tal ponto de vista não nos deve levar, no entanto, a concluir que todas as situações pontuais tenham que ser forçosamente encaradas como não estruturadas. Como veremos na próxima secçãõ do presente trabalho, pontos e culminações irão divergir, em termos aspectuais, exactamente a este respeito: os pontos não são associados a qualquer tipo de estruturaçãõ física complexa, ao contrário das culminações, que requerem a presença, ainda que implícita, de um estado consequente associado à culminaçãõ propriamente dita.

Em suma, as predicacões de natureza pontual são, sob um certo ponto de vista, concebidas como situações “mínimas”, na medida em que não poderão ser subdivididas em subeventualidades constitutivas – mesmo que, implicitamente, requeiram a presença de uma organizaçãõ física complexa – e o seu tempo de referênciã não poderá nunca ser particionado em intervalos menores.

⁵ Sobre a necessidade de distinguir não duratividade de atomicidade veja-se Caudal (1999), que avança alguns argumentos de ordem linguística em favor da adopçãõ de uma separaçãõ clara entre estes dois conceitos.

Sublinhe-se, mais uma vez, que a pontualidade a que nos temos vindo a referir neste trabalho é um conceito de índole eminentemente linguística que se prende com a forma como os sujeitos falantes perspectivam, encaram, descrevem ou percebem as situações em questão. Encontramo-nos, pois, perante uma noção de base essencialmente cognitiva, tal como Engelberg (1999a, 1999b) sugere.

Tratando-se de uma oposição de carácter eminentemente linguístico, importa investigar quais os reflexos que a distinção durativo vs. pontual terá no comportamento semântico das predicções envolvidas. Ou, dito de outra forma, interessa saber quais os testes linguísticos que nos permitem fundamentar a relevância, em termos aspectuais, do traço [\pm durativo].

Na sequência de observações como as de Piñón (1997), defenderemos a ideia de que o traço [\pm durativo] desempenha um papel crucial no que se refere à caracterização aspectual das situações. Nesse sentido, apresentamos, em seguida, alguns critérios de ordem linguística que justificam uma tal tomada de posição.

Em primeiro lugar, verificamos que apenas situações não durativas comparecem com os advérbiais pontuais numa leitura que exprime simultaneamente localização e medição. Com efeito, somente culminações (cf. (15)) e pontos (cf. (16)) podem ser ao mesmo tempo localizados e medidos pelos advérbiais sob análise. As restantes classes aspectuais de predicções recebem interpretações muito diferentes no referido contexto de ocorrência: os estativos, ou dão lugar a uma completa anomalia semântica, como em (11), ou favorecem uma leitura de inclusão do advérbial no seu intervalo de referência, como em (12). Quanto a processos e processos culminados, ou se incompatibilizam com os advérbiais pontuais, ou dão origem a uma interpretação derivada de tipo incoativo, i.e., em que é unicamente focado o momento inicial da eventualidade (cf. (13)-(14)):⁶

- (11) * A Maria foi portuguesa às cinco da tarde.
- (12) O João esteve na faculdade às cinco da tarde. (leitura inclusiva)
- (13) (*) O cavalo correu às cinco da tarde. (leitura incoativa)
- (14) (*) O Pedro tocou a sonata às cinco da tarde. (leitura incoativa)
- (15) A polícia prendeu o assaltante às cinco da tarde (leitura de localização-medição)
- (16) A gazela saltou às cinco da tarde. (leitura de localização-medição)

⁶ Com os processos culminados, uma leitura de tipo “culminativo”, i.e., em que é focado apenas o ponto de culminação que se segue ao processo preparatório, parece também ser possível.

Observações semelhantes poderão ser estendidas a expressões adverbiais que, de uma forma ou de outra, remetem para a pontualidade, como acontece, por exemplo, com *subitamente*, *de repente* ou *de súbito*. Com efeito, apenas situações de natureza não durativa co-ocorrem livremente com este género de estruturas sem sofrerem quaisquer alterações no que respeita ao seu perfil temporal interno básico, como os exemplos em (21) e (22) nos sugerem. Já as restantes classes aspectuais de predicções, ou dão lugar a anomalia semântica, ou recebem interpretações de tipo derivado, preferencialmente de índole incoativa (cf. (17)-(20)):

- (17) * A Maria foi Portuguesa de repente.
- (18) * O João esteve na faculdade de repente.
- (19) (*) O cavalo correu de repente. (leitura incoativa)
- (20) (*) O Pedro tocou a sonata de repente. (leitura incoativa)
- (21) A polícia prendeu o assaltante de repente.
- (22) A gazela saltou de repente.

Também as expressões que apontam para a divisibilidade das situações com que se combinam, como é, por exemplo, o caso de *em parte*, *parcialmente*, *meio*, entre outras, são, naturalmente, de todo incompatíveis com eventualidades de cariz pontual, dado que, como já referimos na secção 2, a não duratividade remete tipicamente para a atomicidade (cf. (23) e (24)):

- (23) * A polícia prendeu o assaltante parcialmente.
- (24) * A gazela saltou parcialmente.

No entanto, este é um teste que se nos afigura pouco fiável, na medida em que muitas outras classes aspectuais – nomeadamente aquelas em que não é especificado um ponto terminal intrínseco – também não suportam, embora por razões algo diferentes, a comparência das expressões em questão.

Tendo em vista que está em jogo um vasto e complexo conjunto de variáveis em interacção recíproca e dinâmica, reservas semelhantes deverão ser estendidas à adopção, proposta por autores como Dowty (1979) e Piñón (1997), do teste da incompatibilidade das eventualidades pontuais com determinados advérbios de modo que expressam, para

além da duratividade, propriedades semânticas adicionais, como a causalidade ou a presença de participantes agentivos. É o que sucede, entre outros, com *cuidadosamente*, *atentamente*, *rapidamente* ou *lentamente*.

Apesar de todas as dificuldades que aqui foram apontadas, parece-nos inegável a relevância, em termos linguísticos, da adopção da distinção entre predicacões durativas e não durativas, reflectida, de forma inequívoca, em testes como os que se prendem com a interpretação dos adverbais pontuais e com as possibilidades de comparência das diversas expressões que, de uma forma ou de outra, remetem para a manifestação da ausência de duração.

Tendo apresentado alguns argumentos em favor da pertinência da distinção entre situações durativas e não durativas, vamos procurar agora revelar os fundamentos que, pelo menos em nosso entender, justificam a inclusão da categoria dos pontos no âmbito mais geral de uma proposta de classificação aspectual de eventualidades. Nesse sentido, iremos estabelecer uma comparação tão sistemática quanto possível entre as predicacões normalmente concebidas como fazendo parte da categoria dos pontos ou semelfactivos e as classes aspectuais que com elas partilham propriedades semânticas relevantes, i.e., as culminações e os estativos.

3. PONTOS VS. CULMINAÇÕES

Como já referimos anteriormente, os pontos e as culminações partilham o traço [-durativo], na medida em que recebem uma interpretação de localização-medição com adverbais pontuais (cf. (15)-(16)) e suportam, sem problemas, a presença de expressões que, de alguma forma, indiciam a ausência de duração (cf. (21)-(22)).

No entanto, estas duas classes aspectuais diferem substancialmente no que diz respeito à telicidade: enquanto as culminações são manifestamente télicas, na medida em que se encontram obrigatoriamente associadas à presença (mesmo que implícita) de um estado consequente, os semelfactivos, tendo em vista que se constituem como meras mudanças de estado, sem estruturação interna própria, não estarão condicionados por uma tal propriedade, i.e., não revelam comportamentos que, de alguma forma, remetam para a expressão da “terminatividade”, não estabelecendo, por conseguinte, qualquer ligação, directa ou indirecta, com um estado consequente, seja ele explícito ou implícito.

Pontos e culminações diferem, pois, em dois aspectos fundamentais: no que se refere à presença vs. ausência de um estado consequente, por um lado, e no que toca à possibilidade de associação a uma estrutura interna complexa, por outro.

Assim, diremos que as culminações são eventualidades télicas, constituídas por um ponto de culminação explícito e por um estado consequente implícito (o que explica a sua não duratividade). Isto significa que, em última instância, as culminações podem ser associadas a uma estrutura fásica complexa, tal como descrita no Núcleo Aspectual de Moens (1987).

Os pontos, por seu lado, não serão mais do que meras transições ou simples mudanças de estado. Não se encontram, por conseguinte, associados a qualquer tipo de estado consequente ou de processo preparatório, o que se traduz na completa ausência de uma estruturação interna complexa ao nível do seu perfil aspectual básico.

Ao contrário do que sucede com os pontos, as culminações podem ser encaradas como eventualidades estruturadas e complexas, na medida em que, por natureza, desencadeiam consequências relevantes que perduram para além da simples ocorrência da “transição” propriamente dita.

As diferenças entre as propriedades semânticas que caracterizam os pontos e as culminações devem estar reflectidas em divergências bastante significativas ao nível do seu comportamento linguístico. Vejamos em que medida.

Dado que, como observámos, uma das distinções mais importantes entre pontos e culminações radica na ausência ou na presença de um estado consequente associado à respectiva transição pontual, os testes mais relevantes para a avaliação da distinção em questão deverão, de alguma forma, reflectir um tal facto.

Na sequência de propostas como as avançadas por Cunha (2004), assumiremos aqui que certas estruturas envolvendo o Particípio Passado flexionado – nomeadamente *estar* + Particípio Passado flexionado, os designados particípios absolutos e *ter* + Objecto Directo + Particípio Passado flexionado – dão conta da presença de um estado consequente ou resultativo. Nessa medida, pontos e culminações devem divergir no que diz respeito às suas possibilidades de ocorrência nos referidos contextos.

Na realidade, só particípios construídos a partir de culminações (e, naturalmente, também de processos culminados) são licenciados, sem dificuldades, nos contextos em causa; os pontos não parecem, em princípio, poder participar neste género de estruturas, dando tipicamente origem a anomalia semântica.

Contrastem-se os exemplos de (25)-(27), que descrevem culminações, com os de (28)-(30), em que figuram semelfactivos:

- (25) O futebolista caiu no relvado.
- (26) A águia matou a presa.
- (27) O João parou o carro.
- (28) O futebolista tropeçou no relvado.
- (29) A águia bateu as asas.
- (30) O João chocou o carro contra o muro.

No que respeita à estrutura *estar* + Participípio Passado flexionado, verificamos que as configurações de (31)-(33), envolvendo formas obtidas a partir de culminações, são perfeitamente aceitáveis, contrastando com as de (34)-(36), que integram pontos.

- (31) O futebolista está caído no relvado.
- (32) A presa da águia está morta.
- (33) O carro do João está parado.
- (34) * O futebolista está tropeçado no relvado.
- (35) * As asas da águia estão batidas.
- (36) * O carro do João está chocado contra o muro.

Observações muito semelhantes poderão, em certa medida, ser estendidas aos designados participípios absolutos: somente as configurações envolvendo participípios passados flexionados com origem em culminações co-ocorrem, sem grandes problemas, com este tipo de estruturas, ao contrário do que parece acontecer com as formas obtidas a partir de pontos que, em geral, ocasionam anomalia semântica, como o contraste entre (37)-(39) e (40)-(42) nos sugere:

- (37) Caído o futebolista, o árbitro interrompeu a partida.
- (38) Morta a presa, a águia levou-a para o ninho.
- (39) Parado o carro, o João ligou o telemóvel.
- (40) * Tropeçado o futebolista, o árbitro interrompeu a partida.

- (41) (??) Batidas as asas, a águia voou.⁷
(42) * Chocado o carro contra o muro, o João chamou a polícia.

Finalmente, o padrão de ocorrência ostentado pelas formas participiais derivadas de culminações e de semelfactivos no contexto da construção *ter* + Objecto Directo + Participio Passado flexionado parece, uma vez mais, estar em plena conformidade com as observações que até aqui temos vindo a efectuar, i.e., apenas as configurações obtidas a partir de culminações suportam a emergência de um estado consequente, tal como o contraste entre a aceitabilidade de (43)-(44) e a anomalia de (45)-(46) indicia:

- (43) A águia tem a presa morta.
(44) O João tem o carro parado.
(45) * A águia tem as asas batidas.
(46) * O João tem o carro chocado contra o muro.

Em suma, e tomando em consideração os exemplos que acabámos de apresentar, podemos concluir que as culminações e os pontos se constituem, de facto, como classes aspectuais perfeitamente distintas e autónomas, na medida em que, como verificámos, as primeiras se encontram forçosamente associadas a um estado consequente, ao passo que os segundos apenas dão conta de uma simples transição ou de uma mera mudança de estado, sem contemplarem, em si mesmos, a expressão de quaisquer consequências ou resultados.

O facto de as culminações incluírem no seu perfil temporal interno básico, ainda que implicitamente, um estado consequente ou resultativo significa que, em última instância, podem ser associadas a uma estrutura fásica complexa, ao contrário do que acontece com os pontos que, como temos vindo a defender ao longo deste trabalho, se revelam eventualidades perfeitamente “atómicas”.

Uma tal diferença em termos da constituição aspectual destas duas classes de predicções irá, naturalmente, ter importantes consequências no que diz respeito ao seu comportamento linguístico, em particular no que toca às possibilidades de derivação no interior da Rede Aspectual de Moens (1987). No sentido de avaliar a veracidade desta

⁷ Sublinhe-se que, para um número bastante significativo de falantes do Português, a construção em (41) parece ser, à partida, considerada perfeitamente aceitável. A este respeito, veja-se a discussão no final da presente secção.

hipótese, propomo-nos, em seguida, analisar e discutir algumas divergências que se observam entre pontos e culminações no contexto de adverbiais temporais e de certos verbos de operação aspectual.

Como já assinalámos na secção 2., tanto os semelfactivos quanto as culminações comparecem, sem problemas, com adverbiais pontuais, obtendo uma leitura preferencial de localização-medição. Os exemplos que se seguem ilustram o que acabámos de dizer:

- (47) O João espirrou às cinco da tarde. (ponto)
- (48) A gazela saltou às cinco da tarde. (ponto)
- (49) O carteiro bateu à porta às cinco da tarde. (ponto)
- (50) O João desmaiou às cinco da tarde. (culminação)
- (51) A Teresa fechou a loja às cinco da tarde. (culminação)
- (52) O Luís ligou o computador às cinco da tarde. (culminação)

Se, no que respeita ao seu perfil temporal interno básico, pontos e culminações parecem coincidir, na medida em que, de forma geral, ambos dão conta de situações não durativas, as divergências entre estas duas classes aspectuais emergem verdadeiramente quando os adverbiais temporais com que co-ocorrem forçam a sua derivação no interior da Rede Aspectual.

A interpretação das classes aspectuais sob análise no contexto de adverbiais de simples duração é particularmente significativa a este respeito: enquanto os pontos apenas suportam uma leitura iterativa em tais condições (cf. (53)-(55)), as culminações encontram-se preferencialmente associadas a uma interpretação em que é o seu estado consequente que vai ser medido pelo adverbial temporal, como ilustrado em (56)-(58)), o que, no entanto, não exclui, de forma alguma, a possibilidade de iteração das referidas situações (cf. (59)-(60); veja-se, a este respeito, a discussão em Cunha (2006)):

- (53) O João espirrou durante duas horas.
- (54) A gazela saltou durante duas horas.
- (55) O carteiro bateu à porta durante duas horas.
- (56) O João desmaiou durante duas horas.
- (57) A Teresa fechou a loja durante duas horas.
- (58) O Luís ligou o computador durante duas horas.
- (59) O Paulo chutou a bola durante duas horas.

(60) O Zé fotografou a Câmara do Porto durante duas horas.

As paráfrases correspondentes às leituras preferenciais atribuídas aos exemplos (56)-(60), que a seguir são apresentadas, tornam bem evidentes as duas possibilidades de interpretação que estão disponíveis para as culminações quando combinadas com os adverbiais de simples duração:

(61) O João esteve desmaiado durante duas horas. (estado consequente)

(62) A loja da Teresa esteve fechada durante duas horas. (estado consequente)

(63) O computador do Luís esteve ligado durante duas horas. (estado consequente)

(64) O Paulo esteve a chutar a bola durante duas horas. (iteração)

(65) O Zé esteve a fotografar a Câmara do Porto durante duas horas (iteração)

Dado que, por natureza, não se encontram associados a um estado consequente e que, nessa medida, não podem ser integrados numa estrutura fásica complexa, os pontos limitam-se a receber uma leitura iterativa no contexto de adverbiais de simples duração, não existindo nenhuma outra hipótese de derivação na Rede Aspectual disponível para este tipo de situações, tal como os exemplos em (53)-(55) indiciam.

Pontos e culminações divergem, igualmente, no que se refere ao comportamento que manifestam face a adverbiais do tipo de *em N tempo*. Na realidade, os semelfactivos parecem ser de todo incompatíveis com este género de construções, na medida em que, como temos vindo a advogar, são eventualidades não estruturadas. Certas culminações, pelo contrário, suportam, dadas as condições apropriadas, a presença dos referidos adverbiais, sendo convertidas em processos culminados graças à adição de um processo preparatório ao seu perfil temporal interno básico. Contrastem-se, a este respeito, os exemplos em (66)-(68), envolvendo pontos, e (69)-(71), em que figuram culminações:

(66) * A águia bateu as asas em dez minutos.

(67) * A gazela saltou em duas horas.

(68) * O João bateu à porta em duas horas e dez minutos.

(69) O polícia prendeu o assaltante em dez minutos.

(70) O avião chegou ao aeroporto em duas horas.

(71) A Rosa Mota ganhou a corrida em duas horas e dez minutos.

Exemplos como estes sugerem, de forma inequívoca, que apenas as culminações revelam a capacidade de integrarem mecanismos de derivação aspectual que suponham uma estruturação fásica complexa correspondendo aos diversos constituintes do Núcleo Aspectual; os pontos, pelo contrário, somente podem integrar configurações iterativas, em que são repetidos sucessivamente, sem que, por esse motivo, o seu carácter atómico seja substancialmente alterado.

As divergências ao nível do perfil temporal interno que temos vindo a observar entre semelfactivos e culminações reflectem-se, igualmente, no seu comportamento face a alguns verbos de operação aspectual. São particularmente visíveis no que respeita aos operadores que, como sucede, por exemplo, com o Progressivo, seleccionam como seu “*input*” uma situação (básica ou derivada) de natureza processual.⁸

Para que pontos e culminações possam comparecer, sem dar origem a anomalia semântica, sob o escopo de operadores que seleccionam “*inputs*” de cariz processual, é necessário que, de alguma forma, sejam previamente convertidos na classe requerida. Ora, como veremos, existem diferenças substanciais nas estratégias de derivação a que cada uma das classes aspectuais em causa vai estar sujeita.

No contexto dos operadores que requerem um “*input*” processual, os pontos só podem comparecer ostentando uma leitura inequivocamente iterativa, i.e., se tiverem sido previamente convertidos em processos iterados. Os exemplos que apresentamos em seguida, envolvendo o Progressivo, ilustram o que acabámos de referir:

(72) O João está a espirrar.

(73) O Pedro está a tossir.

(74) A águia está a bater as asas.

Os processos derivados a partir de culminações podem, igualmente, ser de tipo iterativo, como ilustrado em (75)-(77):

(75) O Zé está a fotografar a Câmara do Porto.

(76) O Pedro está a chutar a bola.

(77) O Ricardo está a furar a parede.

⁸Para uma proposta de análise dos operadores aspectuais no Português, vejam-se Cunha (1998) e Oliveira e Cunha (2004).

No entanto, para além do recurso à iteração, que nem sempre está disponível ou que, simplesmente, não é tomada como a estratégia preferencial, as culminações podem ser convertidas no “*input*” apropriado através da adição de um processo preparatório à sua estrutura temporal interna básica, com posterior supressão do ponto de culminação, o que, em princípio, não parece constituir uma derivação viável para os semelfactivos. Nas frases que a seguir apresentamos, o “*input*” processual requerido pelo Progressivo é inequivocamente obtido desta forma:

- (78) O gato está a morrer.
- (79) O polícia está a prender o assaltante.
- (80) O comboio está a chegar.
- (81) A Teresa está a fechar a loja.
- (82) A Rosa Mota está a ganhar a corrida.

Em suma, e tomando como ponto de partida as várias observações que acabámos de efectuar, parece-nos lícito concluir que, enquanto as culminações dispõem de um número considerável de possibilidades de derivação no interior da Rede Aspectual, que passam pela focalização do estado consequente que lhes está associado, pela adição de um processo preparatória ao seu perfil temporal interno básico, ou pela própria iteração, os pontos, na medida em que se constituem como situações perfeitamente atómicas e não estruturadas, apenas poderão ser derivados através da repetição da eventualidade que descrevem, dando origem a processos iterados.

Isto significa, em última instância, que semelfactivos e culminações diferem efectivamente em termos aspectuais, já que manifestam comportamentos linguísticos até certo ponto distintos.

Antes de darmos por concluída a presente secção, porém, importa sublinhar que, embora, em termos gerais, os critérios aqui estabelecidos funcionem perfeitamente para a distinção entre pontos e culminações, subsistem, ainda assim, casos problemáticos de certas predicções que ostentam um comportamento bastante variável e nem sempre muito consistente em relação aos diferentes testes relevantes.

Observem-se, a este respeito, os seguintes exemplos ilustrativos:

- (83) Chegado o comboio, os passageiros saíram.

- (84) Aparecidas as jóias, o inspector deu a sua investigação por concluída.
- (85) Pontapeada a bola, o jogador desequilibrou-se.
- (86) * O comboio está chegado.
- (87) * As jóias estão aparecidas.
- (88) * A bola está pontapeada.

Se os comportamentos manifestados em (83)-(85) nos levam a acreditar que nos encontramos face a verdadeiras culminações, já os de (86)-(88) sugerem, pelo contrário, que as predicções sob análise se aproximam mais dos semelfactivos.

Este tipo de divergências coloca algumas questões importantes: serão os testes que aqui foram explorados realmente operativos no que diz respeito à distinção que se propõem descrever? Existirão categorias pontuais que combinam propriedades típicas de pontos e de culminações ou que, em alternativa, se encontram, por assim dizer, numa posição “intermédia” entre as referidas classes aspectuais?

Sem pretendermos desenvolver uma discussão aprofundada sobre o assunto, que, neste momento, nos afastaria do propósito central do presente trabalho, procuraremos, em seguida, lançar algumas pistas que, em investigações futuras, possam ser retomadas no sentido de encontrar uma solução para problemas tão complexos.

Tendo em conta que, como vimos atrás, os testes que aqui propusemos são, em grande medida, reflexo das propriedades semânticas que consensualmente caracterizam as duas classes aspectuais sob análise e que, em termos gerais, se mostram capazes de estabelecer uma distinção clara e inequívoca entre elas, não nos parece muito proveitoso simplesmente abandoná-los. No entanto, a investigação detalhada do funcionamento de construções como *estar* + Particípio Passado flexionado ou o particípio absoluto pode revelar características de natureza semântica que, de uma forma ou de outra, interajam ou condicionem o tipo de predicções com que comparecem, interferindo, pelo menos em alguns destes casos, com as restrições observadas. Em particular, as configurações de particípio absoluto, ao contrário de *estar* + Particípio Passado flexionado, entram obrigatoriamente numa relação de subordinação que, pelo menos até certo ponto, poderá influenciar algumas das suas propriedades interpretativas mais relevantes.

Uma outra hipótese de explicação para as divergências patenteadas em (83)-(88) poderia passar pela consideração de uma categoria aspectual “híbrida”, que combinaria características típicas de pontos e de culminações. A determinação e o reconhecimento das diversas propriedades semânticas identificadoras desta classe, no entanto, parecem

ser extremamente difíceis de efectuar, na medida em que não se nos afigura viável isolar um factor linguístico concreto que permitiria considerar uma terceira categoria pontual. Nesse sentido, deixaremos uma tal sugestão em aberto, sublinhando, porém, as reservas que a referida tomada de posição nos coloca.

Uma outra possível solução para o problema de que aqui nos ocupamos residiria no recurso à postulação da noção de “graduabilidade” no seio das classes aspectuais não durativas, na linha do que Cunha (2004) defende para os diversos tipos de estativos. Sob um tal ponto de vista, diríamos que existe um número relativamente limitado de pontos que se revelariam susceptíveis, em circunstâncias apropriadas, de receber um estado consequente, convertendo-se em culminações; em alternativa, teríamos culminações que perderiam o respectivo estado resultativo, transformando-se, por conseguinte, em pontos. O mecanismo seria, por assim dizer, a contrapartida, em termos de eventos pontuais, do que sucede com os estados de natureza [\pm faseável]. A mobilidade patenteada por parte de algumas predicções entre as duas classes em apreço explicaria, de certa forma, as divergências, ao nível do comportamento linguístico, ostendadas nas frases que estamos a considerar.

Finalmente, poderemos ainda relacionar as diferenças observadas em (83)-(88) com variações no que se refere à duração e/ou à relevância dos estados consequentes representados. Colocaremos, pois, a hipótese de que a construção *estar* + Particípio Passado flexionado, ao contrário dos participípios absolutos, terá a capacidade de impor algumas limitações quanto ao tipo, duração ou perfil do estado resultante seleccionado. Especificamente, sugeriremos, ainda que de modo muito tentativo, a ideia de que os estados consequentes associados às predicções representadas nos exemplos em questão seriam, por assim dizer, excessivamente “voláteis”, i.e., apresentariam uma grande instabilidade, devido, por exemplo, à sua curta duração ou à total impossibilidade de verificação de um resultado concreto no mundo de referência, propriedades estas que se revelariam de todo incompatíveis com as restrições semânticas impostas pela construção *estar* + Particípio Passado flexionado.

Sejam quais forem as estratégias adoptadas para a explicação das inconsistências observadas em exemplos como os de (83)-(88), frases como estas não parecem, por si sós, pôr em causa a operatividade da distinção entre pontos e culminações. Na realidade, verificámos ao longo da presente secção que existe um número bastante significativo de critérios, directamente relacionados com propriedades semânticas relevantes, que, em

nossa opinião, justificam plenamente a manutenção de uma separação bem clara entre as duas classes de eventos pontuais que temos vindo a considerar.

Procuraremos, em seguida, reflectir um pouco sobre o modo como a classe dos semelfactivos se relaciona com as predicções de natureza estativa, na medida em que, como veremos, partilha com elas algumas características aspectuais importantes.

4. PONTOS VS. ESTADOS

Para além das semelhanças que, como acabámos de observar, os aproximam das culminações, os pontos partilham igualmente algumas propriedades semânticas de certa relevância com as predicções de cariz estativo.

Assim, no que diz respeito ao seu comportamento linguístico, os pontos são tipicamente concebidos como situações verdadeiras em relação a momentos de tempo, o que, de uma certa forma, os pode aproximar dos estativos que, segundo a propriedade de subintervalos, tal como foi formulada por Dowty (1979), terão de receber um valor de verdade positivo em todo e qualquer instante do intervalo que ocupam.

Nesse sentido, a avaliação do valor de verdade de semelfactivos e de estados – ao contrário, por exemplo, do que sucede com processos ou com processos culminados – será forçosamente verificada relativamente a um determinado momento, e não apenas a um intervalo de tempo.

Por outro lado, sustentámos aqui que os pontos não ostentam qualquer tipo de estruturação fásica interna complexa. Ora, esta é uma das propriedades mais relevantes no que se refere à caracterização das predicções estativas, na medida em que, tal como proposto em Cunha (2004), na sequência de observações efectuadas por Moens (1987), os estados se revelam eventualidades perfeitamente uniformes, i.e., aspectualmente não estruturadas.

Pontos e estados são, pois, situações cujo valor de verdade se avalia em relação a momentos e não a intervalos de tempo e que, para além disso, não se encontram, por princípio, associadas a qualquer tipo de estrutura fásica complexa.

É talvez com base nesta proximidade entre pontos e estativos que autores como Dini e Bertinetto (1995) sugerem a existência de dois tipos de semelfactivos: os pontos eventivos ou “*e-punctuals*” e os pontos estativos ou “*s-punctuals*”.

Infelizmente, os autores não explicitam nem as propriedades semânticas nem os testes linguísticos que nos permitiriam distinguir estes dois tipos de eventualidades pontuais. Na realidade, não se nos afigura de todo fácil encontrar os traços semânticos a que seria possível recorrer, sem problemas, para o estabelecimento de uma tal divisão.

Uma proposta de análise como esta levanta, por outro lado, questões teóricas de grande complexidade. Dado que, segundo a propriedade de subintervalos, os estativos são verdadeiros em todos os momentos que ocupam, como poderemos, então, distinguir uma qualquer porção de um estado de um ponto estativo? Como conciliar a estatividade inerente aos “*s-punctuals*” com o facto de estes representarem, na essência, mudanças de estado efectivas?

Note-se, por fim, que os predicados que Dini e Bertinetto consideram representar a classe dos pontos estativos (cf. *maravilhar-se*, *espantar-se*, *assustar-se*, entre outros) se comportam, pelo menos em línguas como o Português, enquanto culminações típicas, na medida em que o estado consequente que se lhes encontra associado pode facilmente ser posto em evidência, dadas as circunstâncias apropriadas. Vejam-se os seguintes exemplos ilustrativos:

- (89) A Maria assustou-se com a trovoada à meia-noite.
- (90) A Maria está assustada com a trovoada.
- (91) Assustada com a trovoada, a Maria escondeu-se debaixo da cama.
- (92) O gnu espantou-se com o rugido do leão à meia-noite.
- (93) O gnu está espantado com o rugido do leão.
- (94) Espantado com o rugido do leão, o gnu desatou a correr.

Tendo em conta os diversos testes propostos na secção anterior, frases como as de (89)-(94) indiciam fortemente que estamos, de facto, face a verdadeiras culminações e não perante pontos.

Em suma, visto que existem significativas contra-indicações, ao nível teórico, que desaconselham, de forma evidente, a consideração de uma subdivisão no interior da categoria dos pontos e que não nos parece possível encontrar critérios linguísticos suficientemente sólidos para justificar tal tomada de posição, continuaremos a conceber aqui os semelfactivos como representando uma única classe aspectual de predicções.

Apesar de manifestarem características que, de uma certa forma, os aproximam das predicções de natureza estativa, os pontos comportam-se, em termos linguísticos, como verdadeiros eventos.

Apresentamos, em seguida, alguns argumentos que nos levam a defender a ideia de que os pontos pertencem, de facto, à categoria dos eventos e não à dos estativos.

- A. Ao contrário dos estados, os pontos recebem uma interpretação preferencial de habitualidade quando comparecem no Presente do Indicativo, não manifestando, em contexto neutro, uma leitura de “presente real” (cf. (95)-(98)).

(95) O João tosse (habitualmente / # neste momento).

(96) O sino toca (habitualmente / # neste momento).

(97) A gazela salta (habitualmente / # neste momento).

(98) A águia bate as asas (habitualmente / # neste momento).

- B. Ao contrário dos estados, os pontos, ainda que integrados em configurações de iteração, co-ocorrem, sem problemas, com o operador aspectual *parar de* (cf. (99)-(102)):

(99) O João parou de tossir.

(100) O sino parou de tocar.

(101) A gazela parou de saltar.

(102) A águia parou de bater as asas.

- C. Ao contrário dos estados, os pontos dão tipicamente origem a uma certa anomalia semântica no contexto do operador *passar a* (cf. (103)-(106)):⁹

(103) # O João passou a tossir.

(104) # O sino passou a tocar.

(105) # A gazela passou a saltar.

(106) # A águia passou a bater as asas.

⁹ Exceptuam-se, naturalmente, os casos em que os pontos são previamente convertidos em estruturas de habitualidade que, devido à sua própria natureza estativa, se constituem como “*inputs*” adequados para a aplicação do operador em questão. A este respeito, os semelfactivos em nada diferem dos restantes tipos de eventos que, em idênticas circunstâncias, ostentam um comportamento linguístico muito semelhante.

D. Ao contrário dos estados, os pontos, com o Pretérito Perfeito, recebem sempre uma leitura preferencial de sucessividade em relação a outros eventos no contexto de orações temporais introduzidas por *quando*, quer compareçam na frase principal (cf. (107)-(110)), quer surjam na subordinada (cf. (111)-(114)):

(107) Quando a Maria entrou na sala, o João tossiu.

(108) Quando acordei, o sino tocou.

(109) Quando o leão rugiu, a gazela saltou.

(110) Quando avistou a presa, a águia bateu as asas.

(111) Quando o João tossiu, a Maria assustou-se.

(112) Quando o sino tocou, eu acordei.

(113) Quando a gazela saltou, o leão rugiu.

(114) Quando a águia bateu as asas, o coelho começou a fugir.

E. Ao contrário dos estados, os pontos ocorrem preferencialmente em sequências em que predomina uma relação temporal de sucessividade no contexto de frases linearmente ordenadas (cf. (115)-(118)):

(115) O chefe entrou. O João acordou, tossiu, mexeu nuns papéis e perguntou se havia algum problema.

(116) A Maria chegou à igreja. O sino tocou e o padre começou a missa.

(117) O leão rugiu. A gazela saltou, atravessou o rio e correu para a floresta.

(118) A águia viu o coelho. Bateu as asas, levantou voo e atirou-se a pique sobre a presa.

Finalmente, e como já observámos atrás, a iteração de pontos dá tipicamente lugar a processos, i.e., a situações de natureza eventiva, e não a estados.

Os argumentos que acabámos de enumerar parecem, no seu conjunto, conduzir à conclusão de que os pontos são, na realidade, situações de carácter inequivocamente eventivo.

Na medida em que os pontos, por um lado, pertencem, de facto, à categoria dos eventos e que, por outro, partilham com os estativos um conjunto bastante significativo de propriedades comuns, poderão, de uma certa forma, ajudar a clarificar a concepção

de dinamismo que, em termos aspectuais, nos permite delimitar a fronteira que separa os estados dos eventos.

Nesse sentido, o dinamismo não poderá ser identificado com a distinção entre eventualidades verdadeiras em intervalos e em momentos de tempo, na medida em que, embora se comportem como situações caracteristicamente dinâmicas, os semelfactivos, tal como acontece com (pelo menos alguns) estados, vêem o seu valor de verdade ser avaliado em relação a instantes e não a intervalos, contrastando, sob este ponto de vista, com as restantes predicções eventivas.

A mera ausência de uma estrutura temporal interna complexa também não pode, por seu lado, estar na origem da distinção entre estados e eventos, visto que, uma vez mais, se trata de uma propriedade partilhada por pontos e estativos.

O que diferencia, então, os semelfactivos dos estados? O que justifica uma tão clara divergência de comportamentos observada entre estas duas classes de situações?

A resposta a esta questão parece radicar no facto de os pontos, ao contrário dos estativos, remeterem para uma alteração do estado de coisas inicial, darem conta de uma efectiva mudança de estado. Os estativos, pelo contrário, determinam a “manutenção” ou a completa “preservação” da propriedade ou relação que descrevem.

Por outras palavras, o dinamismo parece ter que ver com a presença vs. ausência de alterações ou mudanças significativas implicada por uma dada situação. Assim, uma eventualidade receberá o traço [+dinâmico] se comporta variações ao nível do estado de coisas inicial; caso contrário, será identificada pelo traço [-dinâmico], i.e., irá ser considerada de natureza estativa.

As observações que acabámos de fazer levam-nos a concluir que, embora pontos e estativos possam ser caracterizados pela ausência de uma estrutura fásica complexa, esta propriedade parece ter origem em causas muito diferentes em cada um dos casos. Os pontos são não estruturados na medida em que se constituem como eventualidades maximamente atómicas, indivisíveis; os estados, pelo contrário, são não estruturados por se revelarem situações inteiramente uniformes, não sendo, por conseguinte, possível distinguir quaisquer porções constitutivas no seu interior (cf. Cunha (2004)).

5. CONCLUSÕES

Embora partilhem um conjunto significativo de propriedades comuns com outras classes aspectuais de situações – em particular a não duratividade com as culminações e a ausência de estrutura interna complexa com os estativos – os pontos constituem-se como uma categoria perfeitamente independente e autónoma.

Na realidade, os semelfactivos manifestam um conjunto de características e de comportamentos linguísticos específicos que nos permitiram identificá-los como uma classe aspectual de pleno direito, perfeitamente distinta de todas as outras.

Tendo em consideração que os pontos partilham com os estativos propriedades semânticas de inegável importância, procurámos no presente trabalho, através de uma comparação entre estas duas classes aspectuais de predicções, lançar alguma luz sobre a fundamentação que subjaz à distinção de âmbito mais geral entre estados e eventos. Em particular, constatámos que as concepções de mudança de estado e de uniformidade desempenham um papel crucial a este respeito.

O facto de poderem integrar, sem problemas, processos iterados e de ostentarem um comportamento linguístico de natureza dinâmica levou-nos a concluir que os pontos são, na realidade, situações de cariz eventivo. No entanto, distinguem-se dos restantes eventos por se revelarem estados de coisas maximamente atómicos e não estruturados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAUDAL, Patrik. Achievements vs. Accomplishments: a Computational Treatment of Atomicity, Incrementality, and Perhaps of Event Structure”, *Conférence TALN 1999*, Cargèse, 12-17 Juillet, 1999.
2. CUNHA, Luís Filipe. *Os Operadores Aspectuais do Português: Contribuição para uma Nova Abordagem*, *Cadernos de Linguística* Nº 1, Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, 1998.
3. CUNHA, Luís Filipe. *Semântica das Predicações Estativas: para uma Caracterização Aspectual dos Estados*, *Dissertação de Doutoramento*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004.

4. CUNHA, Luís Filipe. Iteração, Frequência e Habitualidade: Algumas Reflexões. Comunicação apresentada ao VII Congresso de Linguística General, Barcelona, 18-21 de Abril de 2006.
5. DINI, Luca, e Pier-Marco BERTINETTO. *Punctual Verbs and the Ontology of Events*, Quaderni del Laboratorio di Linguistica della SNS n° 9 / 1995, Università di Pisa, 1995.
6. ENGELBERG, Stephan. 'Punctuality' and Verb Semantics in J. Alexander, N. Han e M. M. Fox (eds.), *Proceedings of the 23rd Annual Penn Linguistics Colloquium*, University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, Vol. 6.1. Philadelphia, Penn Linguistics Club, 1999: pp. 127-140.
7. ENGELBERG, Stephan. The Magic of the Moment – What it Means to be a Punctual Verb in S. S. Chang, L. Liaw e J. Ruppenhofer (eds.), *Proceedings of the Twenty-Fifth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, Berkeley, Berkeley Linguistics Society, 1999: pp. 109-121.
8. MOENS, Marc. *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Dissertação de Doutoramento, Edimburgo, 1987.
9. MOENS, Marc, e Mark STEEDMAN. Temporal Ontology and Temporal Reference, *Computational Linguistics*, Vol. 14, 1988: pp. 15-28.
10. OLIVEIRA, Fátima, Luís Filipe CUNHA e Anabela GONÇALVES. Aspectual Verbs in European and Brazilian Portuguese, *Journal of Portuguese Linguistics*, Vol. 3, N° 1, 2004: pp. 141-173.
11. PIÑÓN, Christopher. Achievements in an Event Semantics” in A. Lawson e E. Cho (eds.), *Proceedings of Semantics and Linguistic Theory VI*, Ithaca, NY, Cornell University, CLC Publications, 1997: pp. 273-296.
12. SMITH, Carlota S. *The Parameter of Aspect*, Dordrecht, Kluwer Academic Press, 1991.

RESUMO: O objectivo central do presente trabalho é o de caracterizar a classe aspectual dos pontos, procurando determinar quais as suas propriedades semânticas e comportamentos linguísticos mais relevantes. Para tal, começamos por discutir o conceito de pontualidade, demonstrando a sua pertinência em termos linguísticos. Depois, comparamos a classe aspectual dos pontos com outras categorias com ela relacionadas. Verificamos que os pontos se diferenciam das culminações na medida em que, tipicamente, não estão em condições de integrar uma estruturação fásica complexa. Por outro lado, os pontos distinguem-se dos estativos na medida em que, ao contrário destes últimos, são de natureza dinâmica, alterando visivelmente o estado de coisas inicial. Concluimos, pois, que os semelfactivos constituem uma

classe aspectual de pleno direito. Embora partilhem com culminações e estativos algumas propriedades importantes, os pontos revelam, uma identidade própria, assumindo-se como predicções dinâmicas, pontuais e atômicas.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica; Aspecto; Classes Aspectuais; Pontualidade.

ABSTRACT: The main goal of this paper is to characterise the aspectual class of points, specifying its most relevant semantic properties and linguistic behaviours. Thus, firstly we provide some evidence in favour of the linguistic appropriateness of the concept of punctuality. Then, we turn to the discussion about the relationship that points establish with other somehow similar aspectual classes. We demonstrate that points differ from culminations since the former, but not the latter, cannot take part into a complex phase structure, even if it is a derived one, having neither a preparatory process nor a resultant state. On the other hand, semelfactives differ from stative predications because they are unequivocally dynamic, changing significantly the initial state of affairs. We conclude that points constitute a separate and perfectly independent aspectual class on their own right. Although they show up significant similarities with other aspectual categories, sharing with them some of their most relevant semantic characteristics, semelfactives constitute an autonomous aspectual class that can be described by a set of features, namely the dynamicity, the punctuality and the atomicity that distinguish them from all other Aktionsarten.

KEY WORDS: Semantics; Aspect; Aspectual Classes; Punctuality.

Recebido em 03 de dezembro de 2006.

Artigo aceito para publicação no dia 15 de fevereiro de 2007.